

## DISCURSO DE ÓDIO ACERCA DO JOVEM: “CHAMA A BM<sup>1</sup> E DESCE O SARRAFO NESSE BANDO DE PLAYBOY DESOCUPADO”

*Aline Accorssi<sup>2</sup>*

*Livian Lino Netto<sup>3</sup>*

*Julia Rocha Clase<sup>4</sup>*

**RESUMO:** O presente artigo procura refletir sobre as representações sociais de internautas, a partir dos seus comentários em uma reportagem de um jornal local, sobre a ocupação estudantil secundarista no Instituto Federal Sul-rio-grandense (Campus Pelotas). Foram analisados os 271 comentários realizados na matéria sobre a ocupação, publicada no dia 16 de outubro de 2016, na página do jornal no Facebook. Os dados foram submetidos a uma análise de conteúdo do tipo temática, o que gerou um mapa representacional. O tema de maior prevalência e que perpassa todos os demais, sendo caracterizador da representação social de juventude, está relacionado a desqualificação juvenil. Dele derivam outros dois grupos de pensamentos acerca do jovem: o primeiro refere-se à imaturidade, incapacidade e improdutividade, já o segundo à fácil manipulação frente aos modismos e suposta doutrinação da esquerda. Diante disso, cabe à sociedade a condução da construção social do jovem enquanto “homem de bem”. O desvio dessa formação caracterizaria uma inversão da ordem, uma contravenção, a qual necessita de controle, punição e ódio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representações sociais; Juventude; Movimento estudantil.

---

<sup>1</sup> BM (Brigada Militar): Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia pela PUCRS. Professora do Programa de Pós Graduação em Educação/UFPel. E-mail: [alineaccorssi@gmail.com](mailto:alineaccorssi@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutoranda em Educação na UFPel. Mestra em Educação pelo Instituto Federal Sul-Rio-Grandense/Pelotas. E-mail: [livianlino@gmail.com](mailto:livianlino@gmail.com)

<sup>4</sup> Graduada em Ciências Sociais Licenciatura pela UFPel. Mestranda em Educação pela na universidade. Bolsista CAPES. E-mail: [clasesenjulia1@gmail.com](mailto:clasesenjulia1@gmail.com)

## HATE SPEECH ABOUT THE YOUNG PEOPLE: “CALL THE MB AND BEAT DOWN THIS BUNCH OF UNEMPLOYED PLAYBOYS”

**ABSTRACT:** This article aims to enlighten the social representations of Internet users, based on their comments in a local newspaper report about student's occupation at the Federal Institute of Rio Grande do Sul (Campus Pelotas). We have analyzed the 271 comments made in the article about the occupation published on October 16th, 2016, on the newspaper's Facebook page. The data has been submitted to a content analysis of the thematic type, which generated a representational map. The theme of greater prevalence and that has crossed all the other ones, being a characterization of the youth social representation, is related to juvenile disqualification. Two other groups of thoughts about the young people derived from them: the first refers to immaturity, incapacity and unproductiveness, and the second to easy manipulation due to what is fashionable and what is called “left doutrination”, alleged indoctrination of the left. Facing this, it is up to society to conduct the social construction of the young people as a “good citizen”. The deviation from this formation would characterize a counterversion of order, which requires control, punishment and hate.

**KEYWORDS:** Social Representations; Youth; Student Movement.

### INTRODUÇÃO

Recentemente, em um pronunciamento oficial, o presidente Jair Bolsonaro afirmou que um dos objetivos do atual Ministério da Educação deveria ser o de desestimular crianças e adolescentes a se interessarem por política nas escolas. Em suas palavras e amplamente veiculado: “Queremos uma garotada que comece a não se interessar por política, como é atualmente dentro das escolas, mas comece a aprender coisas que possam levá-las ao espaço no futuro”<sup>5</sup>. Alguns dias depois, o ministro da educação anuncia um corte de 30% das verbas de, primeiramente, três universidades públicas que, segundo a concepção de seu governo,

---

<sup>5</sup> Jair Bolsonaro em discurso durante a posse do atual ministro da Educação Abraham Weintraub em abril de 2019. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-queremos-uma-garotada-que-comece-a-nao-se-interessar-por-politica,70002785320>. Acesso em 08 de maio de 2019.

teria promovido “balbúrdia, bagunça e evento ridículo”<sup>6</sup>. Poucas horas mais tarde, após ser atingido por uma série de críticas quanto ao cunho ideológico do corte, o ministro se explica dizendo que a redução da verba, na verdade, é para todas as instituições universitárias públicas.

Nossa intenção, com esse artigo, não é discutir os rumos do Ministério da Educação e muito menos do Governo Federal. Procuramos aqui compreender a formação do conhecimento social acerca dos jovens, bem como dos espaços que estes ocupam e participam, o que acaba, de algum modo, sendo ilustrado pelas falas acima citadas. Para isso, tomamos a Teoria das Representações Sociais como o campo teórico que sustenta a reflexão. Com ela, e a partir dela, podemos compreender como que ideias, palavras e imagens vão engendrando nossas representações sobre os objetos sociais, também conhecidas como conhecimentos do senso comum (MOSCOVICI, 2003). Assim, nosso objetivo é analisar as mensagens de internautas sobre a ocupação estudantil secundarista, ocorrida no ano de 2016, no Instituto Federal Sul-rio-grandense - Campus Pelotas<sup>7</sup>. Para isso, selecionamos uma notícia, veiculada pela rede social Facebook, do Jornal Diário Popular de Pelotas, de grande popularidade na comunidade, e analisamos a reação dos leitores frente a matéria, através dos comentários escritos. Tal jornal, segundo informações encontradas no próprio site<sup>8</sup>, é o veículo informacional mais antigo do Rio Grande do Sul e o terceiro do país com circulação diária ininterrupta. Caracteriza-se, portanto, como uma mídia de referência na cidade onde a ocupação estudantil ocorreu.

---

<sup>6</sup> Fala do atual ministro da Educação Abraham Weintraub sobre corte de verbas para IFES, em abril de 2019. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-cortar-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba,70002809579> Acesso em 08 de maio de 2019.

<sup>7</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense é formado por doze campi: Pelotas, Pelotas-Visconde da Graça, Sapucaia do Sul, Charqueadas, Passo Fundo, Bagé, Camaquã, Venâncio Aires, Santana do Livramento, Sapiranga, Lajeado e Gravataí. O Campus Pelotas dá origem ao IFSUL quando da política de implementação dos IF's no país, sendo sua sede. Neste campus, estão em funcionamento quinze Cursos Técnicos de Nível Médio, cinco Cursos Superiores de Tecnologia e uma Engenharia, além de Cursos de Pós-graduação, em nível de especialização e mestrado, Formação Pedagógica e Educação a Distância. Esta unidade do Instituto Federal Sul-rio-grandense vem atendendo uma média de 4000 alunos por ano.

<sup>8</sup> [www.diariopopular.com.br](http://www.diariopopular.com.br)

O ano de 2016 ficou marcado com um momento importante na história das lutas sociais. Os jovens secundaristas que organizaram o movimento nacional de resistência aos ataques à educação<sup>9</sup>, saúde e direitos sociais historicamente conquistados, foram chamados de *baderneiros* por uma parcela da sociedade. Assim como, aqueles que lhes antecederam, em movimentos de resistência, como o levante do ano de 2013 no Brasil, quando grande parcela da população foi às ruas pautando o fim da retirada de direitos sociais, a luta pelo transporte público e um investimento em serviços destinados ao povo e, não apenas aqueles que detém o poder econômico e social. As Jornadas de Junho de 2013<sup>10</sup> demonstram novas formas organizativas e abrem uma era aos movimentos sociais, presentes nos anos seguintes em espaços públicos, resistindo e ressignificando estes espaços.

A Primavera Secundarista do ano de 2016 é consequência da resistência dos secundaristas em São Paulo, em 2015, quando estudantes ocuparam escolas contra as medidas arbitrárias do governo Alckmin.<sup>11</sup> Do mesmo modo, demonstra sua relação com o movimento estudantil na América Latina, tendo referência na luta dos estudantes chilenos, a Revolta do Pinguins (2006)<sup>12</sup> que articulou um novo formato de poder popular.

---

<sup>9</sup> Os estudantes resistem no ano de 2016, frente a imposição de medidas que apresentam severos retrocessos, como a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241, que institui o Novo Regime Fiscal, estabelecendo limites para os gastos públicos em educação e saúde por vinte anos e a Medida Provisória (MP) 746/2016, que propõe a Reforma do Ensino Médio, orientada pela Base Nacional Comum Curricular.

<sup>10</sup> No ano de 2013 as ruas de todo país são ocupadas por setores da população que reivindicam demandas relacionadas a serviços públicos, direitos sociais, melhoria de condições de setores específicos, mobilizada a partir da luta pelo transporte público, são incorporadas outras pautas e as mobilizações perduram cerca de um mês, fomentando um novo repertório político aos movimentos sociais

<sup>11</sup> No ano de 2015 os estudantes secundaristas ocuparam 220 escolas no estado de São Paulo, em resposta ao Programa de Reorganização Escolar proposto pelo governo de Geraldo Alckmin (PSDB), o qual apresentava como objetivo a organização da escola em ciclos de ensino, impactando no fechamento e remanejamento de milhares de alunos e professores para outras escolas.

<sup>12</sup> No ano de 2006, estudantes chilenos entram em greve, organizam assembleias e passeatas diante de demandas educacionais pontuais, assim como a anulação da Lei Orgânica Constitucional de Ensino, a qual tem origem no regime ditatorial.

A luta de resistência dos estudantes, organizada nacionalmente, foi lida como um ato espontâneo e sem fundamento, e os jovens taxados de baderneiros e desocupados. Mas, o que sustenta tal argumento? O que a participação política juvenil despertou na sociedade? O que se sabe é que a ferramenta de luta e de ressignificação do espaço público, expressa pela voz e mobilização daqueles jovens, desestabilizou determinadas concepções ou conhecimentos e acabou gerando uma ameaça à dita *'ordem social'*. “A vida que pulsava transbordou e o dique da ideologia não foi capaz de contê-la. Todo movimento da objetividade que rompe as formas antigas traz duas possibilidades: instituir novas formas ou rerepresentar as velhas em nova roupagem.” (IASI, 2013, p. 46).

Na atual conjuntura, refletir sobre esse caso e, em especial, a reação a ele, parece-nos fundamental, uma vez que as concepções de mundo e sociedade seguem em disputa causando tensões e polarizações. A luta dos estudantes apresentou novas possibilidades de pensar o atual cenário e escancarou enraizamentos sociais, carregados de conservadores paradigmas e concepções acerca do jovem.

O artigo está dividido em cinco partes, além da introdução. Primeiramente, trataremos de alguns aspectos da Teoria das Representações Sociais; em seguida, apresentaremos a juventude como categoria de análise e a relação das juventudes com os movimentos sociais até o movimento Ocupa IFSul. Por fim, discutiremos a noção de jovem a partir dos comentários de uma matéria sobre a ocupação, publicada na página do Facebook do Jornal Diário Popular de Pelotas. A partir das categorias que emergiram dos comentários, finalizamos com algumas considerações e problematizações sobre juventudes, participação política e movimentos sociais.

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDEOLOGIA

A teoria das Representações Sociais está preocupada em compreender como as coisas, as ideias, mudam e/ou se preservam na sociedade, ou seja, como os processos sociais, tudo aquilo que ocorre em nossos cotidianos, incorporam a novidade/mudança e a conservação/

preservação das ideias. Em outras palavras, podemos dizer que essa teoria se dedica a compreender como o conhecimento socialmente partilhado se forma e se transforma. Afinal, é impossível conhecer algo sem representar, é impossível viver sem atribuir sentidos ao que nos cerca.

O ser humano, conforme Guareschi (2010) e Guareschi & Roso (2014), tem a capacidade de se abster do objeto material ao pensar nele, ao falar dele e até de relacionar-se com ele. Isso porque as representações permitem a nossa comunicação, permitem a construção contínua do nosso conhecimento. Na mesma medida que nos comunicamos, atribuímos novos sentidos às velhas representações. Não há como escapar: as representações são produto da comunicação, na mesma medida que, “sem a representação, não haveria comunicação” (DUVEEN, 2003, p. 22).

É importante destacar que os processos representacionais expressam mundos subjetivos, intersubjetivos e objetivos, ou seja, são simbólicos (pois usam signos para dar sentido ao real) e também sociais (pois se formam a partir de um processo dialógico entre o Eu-Outro) (JOVCHELOVITCH, 2008). Mas o que é representação? Aqui, a compreendemos com uma “forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODOLET, 2001, p. 22). Segundo Abric (1998) e Jovchelovitch (2008), as representações tem várias funções: elas explicam a realidade, definem a identidade grupal, orientam práticas sociais e, também, justificam determinadas ações. Nesse sentido, é relevante mencionar que as representações podem desempenhar funções ideológicas quando se cruzam a lutas de poder nos campos representacionais, o que parece ser o caso em que estamos nos debruçando. Conforme Jovchelovitch, “quando o emprego sistemático de assimetria em poder é utilizado para dominar outros, podemos dizer que um sistema representacional se torna ideologia e que há uma preponderância da função ideológica” no conhecimento (2008, p. 193). Tal processo pode ser encontrado em atitudes racistas, por exemplo. Neste caso não há a preocupação com a realidade do objeto que ele pretende representar. O propósito representacional principal é a segregação, a exclusão e a difamação do Outro.

Thompson (1995), nesse aspecto, entende 'ideologia' como o uso de sentidos que servem para estabelecer e sustentar relações de dominações. Ou seja, nosso cotidiano é povoado por formas simbólicas cheias de sentidos, seja na mídia, na boca do professor, etc., e tais sentidos podem criar, até mesmo instituir relações de dominação através de um contínuo processo de produção e de recepção. É claro, tudo isto não está no ar. Estas formas simbólicas invadem a nossa mente, constituem nosso pensamento e, também constroem realidades materiais, associando-se ao conhecimento aqui compreendido como representação.

Algumas indagações nos acompanham ao longo deste trabalho, ainda que não consigamos respondê-las plenamente: como tais formas simbólicas determinam ou influenciam nossas concepções acerca da juventude? Contribuíram para a construção de uma visão negativa dos movimentos sociais e, em especial, a luta dos estudantes no ano de 2016?

## **JUVENTUDES E MOVIMENTO ESTUDANTIL**

No Brasil, segundo critérios do IBGE, são consideradas jovens as pessoas entre 15 e 24 anos. Contudo, a definição de juventude pode variar tanto em significado, quanto em terminologia. Adolescência, por exemplo, é muitas vezes utilizado como sinônimo de jovem. Dayrell (2003) compreende adolescência como um período em que aspectos físicos como capacidade de procriação e outras alterações corporais devam ser considerados. Pontua que a pessoa, nesse período, dá sinais de diminuição da necessidade de proteção por parte da família, em especial quando começa a assumir responsabilidades e a buscar independência (DAYRELL, 2003).

Atribui-se diversas características aos jovens, como sendo a juventude um período de conflito, de rebeldia, de transição, de transformação do que se é para o que se pretende ser, muitas vezes vista como uma condição de transitoriedade, uma passagem para o futuro, para a vida adulta que terá o reflexo de suas ações atuais (DAYRELL, 2003). Assim, a juventude poderia ser o tempo da liberdade, da libertação, de ensaio e erro, da experimentação, marcado pela irresponsabilidade e rebeldia. Porém, isso

nega a participação da juventude em outras esferas sociais, como em discussões políticas, (ALMEIDA & TRACY, 2003), o que nos remete a recente fala do atual presidente, Jair Bolsonaro, em que ele aponta a ideia de que os jovens não devem se interessar por política nas escolas, negando o caráter de participação dos jovens na sociedade.

Já como categoria social, Abramo (1997, p. 29) aponta que:

A concepção de juventude corrente na sociologia, e genericamente difundida como noção social, é profundamente baseada no conceito pelo qual a sociologia funcionalista a constituiu como categoria de análise: como um momento de transição no ciclo de vida, da infância para a maturidade, que corresponde a um momento específico e dramático de socialização, em que os indivíduos processam a sua integração e se tornam membros da sociedade, através da aquisição de elementos apropriados da “cultura” e da assunção de papéis adultos. É, assim, o momento crucial no qual o indivíduo se prepara para se constituir plenamente como sujeito social, livre, integrando-se à sociedade e podendo desempenhar os papéis para os quais se tornou apto através da interiorização dos seus valores, normas e comportamentos. Por isso mesmo é um momento crucial para continuidade social: é nesse momento que a integração do indivíduo se efetiva ou não, trazendo consequências para ele próprio e para a manutenção da coesão social (ABRAMO, 1997, p. 29).

Neste trabalho, contudo, compreendemos a atuação do jovem enquanto sujeito, com papel social e político ativo na construção social. Isso porque o processo de desenvolvimento humano não é anulador de identidades e de pensamento crítico, mas está relacionado aos diferentes espaços de vivência e relações que perpassam a formação enquanto sujeito.

A juventude, com suas diferentes expressões, influencia ativamente os movimentos sociais. Por vezes agem desde sua construção; outras são seus principais articuladores, com a apresentação de ideias colocadas ao debate político, com novos discursos e práticas sociais que constroem o



espaço coletivo e a cultura política dos movimentos, etc. Nesse sentido, é importante destacar as ocupações secundaristas enquanto uma estratégia de resistência dos estudantes, a qual não teve e não tem um “fim em si mesma”, mas está situada em uma luta mais ampla, constituída historicamente e (como parte dos movimentos sociais mais amplos. O movimento estudantil secundarista é aqui compreendido, portanto, como um espaço que forma, para a luta e para a vida social.

Como espaço organizativo dos estudantes secundaristas, o movimento estudantil demonstrou, em diferentes momentos da história, a potencialidade da juventude para a transformação social. Conforme Novaes (2013), na construção histórica da América Latina a presença da juventude foi marcante, destacando movimentos de transformação social como a Revolta de Córdoba/Argentina, a Revolução Tenentista no Brasil e o movimento da juventude militar no Chile. No Brasil, a juventude inaugurou movimentos de resistência e junto ao movimento operário teve um papel de vanguarda mobilizadora do povo, tendo como principais movimentos: a juventude integralista; a organização do movimento estudantil com a fundação da UNE (União Nacional de Estudantes) e o movimento religioso em torno da Ação Católica: AUC (Ação Universitária Católica), JUC (Juventude Universitária Católica) e JEC (Juventude Estudantil Católica). No ano de 2016, a ousada estratégia de luta adotada pelos estudantes reafirmou este histórico de resistência.

Durante as ocupações os estudantes sonharam com uma nova escola e uma nova sociedade, a partir da organização de espaços de ensino e da reorganização da escola, abrindo-a para a comunidade, em um formato de aula pública, na qual todos estavam convidados. Os estudantes, reivindicaram o direito ao ensino, sendo um direito de todos. Ali eles aprenderam a sonhar e a construir outros futuros.

Se depois das primeiras ocupações e das tentativas de negociações o governo insistir em suas políticas contra a educação pública, teremos que medir nossas forças novamente. Se sentirmos que somos mais fortes, que conseguimos convencer mais estudantes de que eles devem estar dispostos a ocupar seus colégios, então estará em

toda cidade. No entanto, se vemos que não temos forças suficientes para ocupar as escolas, seria um erro ir para o tudo ou nada. A ocupação não é um fim em si mesma, é só uma ferramenta a mais dentro de um plano de luta maior. O nosso objetivo maior é frear o avanço governamental sobre a nossa educação, não ocupar por ocupar. Por isso, se não temos condições para ocupar, precisamos achar outras maneiras de defender nossa educação, com travamentos de ruas, marchas, jornadas culturais, debates abertos com nossos pais, etc. (O MAL EDUCADO, 2015, p. 2)

As ocupações secundaristas do ano de 2016, tiveram um formato organizativo decorrente de outros momentos da luta, como as ocupações dos estudantes chilenos no ano de 2011 (traduzindo seu manual organizativo e incorporando sua experiência como exemplo ao movimento nacional de luta) e as ocupações no ano de 2015 em São Paulo, que foram estopim político para o ano seguinte. Assim como as Jornadas de Junho de 2013, o movimento de ocupação apresentou novas estratégias de ação que tomam força no campo político.

Compreendemos que a luta dos estudantes no IFSul - Campus Pelotas aqui analisada, e o movimento nacional de ocupação naquele ano, não ocorreram de forma isolada, sendo antecedidas por outros processos de resistência que se mantém presentes no cenário nacional e internacional e dão forma ao repertório político da juventude que ocupa as escolas no ano de 2016.

Assim, a suposta predisposição do jovem à luta, acompanhada de seu processo de consciência enquanto parte de uma coletividade, é o mote desse trabalho. E nos perguntamos: quais são os conhecimentos sociais ou representações acerca dos jovens que vão à luta?

## **OCUPA IFSUL: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DE JUVENTUDE QUE LUTA**

O Movimento de ocupação que ocorre no Instituto Federal Sul-rio-grandense tem caráter nacional e é antecedido por movimentos sociais

de resistência, com importantes marcas que caracterizam as ocupações de 2016. No ano anterior estudantes da rede pública do estado de São Paulo, ocupam cerca de 220 escolas em um movimento de contraposição ao Programa de Reorganização Escolar (TAVOLARI, et al, 2018). Conforme Narciso (2017), esse Programa visava o fechamento de 93 escolas e a redistribuição dos estudantes nas escolas já existentes, com o objetivo de imposição de um único ciclo em mais de 700, um processo de sucateamento da educação pública, que afetaria cerca de 300 mil estudantes e 70 mil professores. É no dia 9 de novembro de 2015 que é ocupada a primeira escola em São Paulo, dentre a onda de ocupações que desencadearia na ocupação de 220 escolas, movimento que se mantém por cerca de um mês, quando no dia 4 de dezembro o governo recua em relação ao Programa de Reorganização Escolar e as escolas começam a ser desocupadas.

Nas ocupações de 2016, os estudantes apropriam-se da escola em um sentido amplo, simbólico e político. A escola é deles! Entraram, fecharam os portões e só entrava quem fosse convidado. Em pouco tempo, a mobilização dos estudantes foi crescendo e germinando. Sendo desencadeador da organização nacional dos estudantes no ano seguinte, que em resposta ao cenário político vivenciado, deliberam pela ocupação das escolas, negando as alternativas impostas e reivindicando um novo formato de organização deste espaço.

O movimento, denominado *Primavera Secundarista* pelos próprios estudantes, quando ocupavam as primeiras escolas, assume ao longo de semanas enorme relevância social: “A Primavera Secundarista levantou bandeira na manhã desta quarta-feira (18), em Maringá (PR), onde foi ocupado o primeiro colégio no estado, o Estadual Gerardo Braga.” (UBES, 2016).

A ocupação das primeiras escolas é movimento desencadeador de uma organização nacional, que traduz a força política dos estudantes secundaristas enquanto vanguarda das mobilizações naquele período, frente aos ataques em curso, incorporados pelo governo de Michel Temer (PMDB) e que conduzia um conjunto de retrocessos sociais e políticos, os quais eram visados ao contexto nacional, em um projeto de

intensificação da privatização e de retirada dos direitos públicos. Na cidade de Pelotas, a ocupação do IFSul, que tem início na tarde de domingo, no dia 16 de outubro de 2016, protagonizado por cerca de cem estudantes, é desencadeadora de um movimento denominado #OCUPAIFSul, representando o engajamento político dos estudantes que assumem uma militância, para além da ocupação, fazendo referência ao movimento Ocupa IFSul como um espaço de engajamento militante e a formação destes enquanto sujeitos políticos.

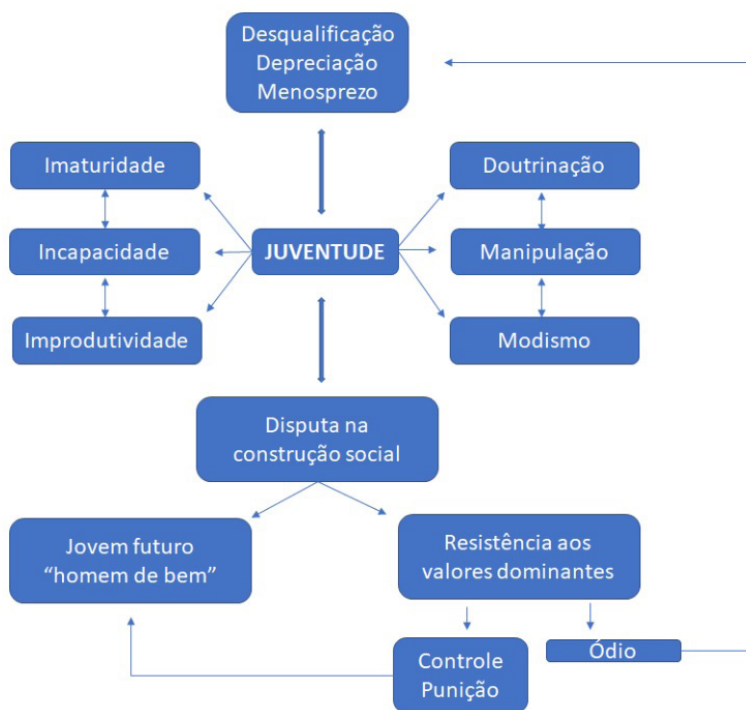
Sendo antecedida e inserindo-se em uma rede de outras ocupações que ocorrem na cidade no ano de 2016, a ocupação do Instituto Federal Sul-rio-grandense tem papel fundamental nessa rede de diálogo entre ocupações, trazendo relevante repercussão nacional ao desencadeamento da Primavera Secundarista na cidade de Pelotas. O Movimento Ocupa IFSul se mantém ativo durante um longo período, mesmo após o encerramento das ocupações e é gerador de uma organicidade dos estudantes do IFSul, formando-os como sujeitos ativos e reivindicativos de um novo espaço escolar. Vejamos agora a reação, ou apenas uma pequena porção, que ilustra a forma como a sociedade tem recebido tais jovens e suas demandas.

## **MÉTODO**

Conduzidas pelo interesse de analisar a produção de conhecimento, aqui tomadas como as representações sociais, de internautas sobre a ocupação estudantil secundarista no Instituto Federal Sul-rio-grandense - Campus Pelotas, selecionamos uma notícia publicada na rede social Facebook do jornal local Jornal Diário Popular de Pelotas, para fazer a análise dos seus comentários. Assim, no dia 16 de outubro de 2016, um dia após ao início da ocupação, uma matéria foi publicada na página do jornal, e 271 comentários foram escritos como reação a mesma. Em porte de tais comentários, os dados passaram por uma análise de conteúdo do tipo temática (MINAYO, 2010), que se direciona a busca da mensagem propriamente dita, seu valor informacional, as palavras, argumentos e, sobretudo, as ideias expressas (MORAES, 1999).

Em termos pragmáticos, primeiramente foram realizadas múltiplas leituras, visando à preparação e organização do material. Depois criou-se categorias tentando agrupar sentidos e significados em torno do que é ser jovem, suas características e sua participação em um movimento social. Por fim, com as categorias já definidas foi realizado o processo interpretativo à luz de uma abordagem crítica no campo da educação.

Importante ressaltar, que ao longo do processo de organização e sistematização dos dados, construímos um mapa de uma possível representação social que circula no campo social e que encoberta certos pensamentos e práticas sociais. O mapa a seguir é apresentado na sua totalidade e, no próximo tópico, discutimos os diferentes aspectos que o compõe.



Fonte: elaborado pelas autoras

## ANÁLISE DOS DADOS

A partir dos comentários postados na matéria sobre a ocupação estudantil no IFSul, destaca-se duas grandes categorias: a desqualificação social e a disputa na construção social. As discussões realizadas pelos internautas na reportagem, publicada na página do jornal, apontam para a repressão à mobilização política dos estudantes, sugeridas por diversas formas, sendo elas materiais ou simbólicas, além de utilizar a categoria trabalho como um formato de repressão e “*endireitamento*” dos jovens para o horizonte do “bem”.

O processo de formação da juventude é um processo de disputa de ideias, e é nesse processo de disputa que a juventude se depara, em seus diferentes campos de vivência, com a concepção hegemônica do sujeito “de bem” que lhe é esperado. Esse sujeito, não recusa, não nega e muito menos resiste. É o sujeito que se cala, que aceita e que sorri diante da repressão, sendo ao mesmo tempo reprodutor dessa repressão. Assim, o jovem que assume uma postura de resistência frente aos ataques em curso é desqualificado para o horizonte social do “Homem de bem”.

O discurso vigente indica a despolíticação do jovem como solução para a “*balbúrdia*” social a qual esse discurso ataca, como se os jovens de maneira geral, estivessem sobre doutrinação de uma ameaça inexistente, diante da possibilidade da juventude que reivindica e questiona a ordem vigente.

Diante desse cenário, a seguir discutimos as categorias emergentes dos discursos publicados nos comentários, retirados da publicação da matéria da ocupação no IFSul, presentes na página do jornal no Facebook.

## DESQUALIFICAÇÃO SOCIAL

A desqualificação social em torno do jovem é categoria determinante nas análises aqui realizadas, perpassando todas as demais categorias e gerando uma anulação das capacidades do jovem, essencialmente a capacidade de reflexão: “*juventude desacerebrada brasileira, sem igual*”. Conforme o jovem não se demonstra qualificado para refletir sobre seus

atos, suas ações são ditadas por outros, a partir de uma “doutrinação” que manipula seus atos e faz da juventude “*massa de manobra*”.

## I. Imaturidade, Incapacidade e Improdutividade

O jovem é caracterizado pela da anulação de qualidades, sendo um indivíduo em processo de formação. É uma categoria incapaz de refletir por si mesma e assume nesse sentido sempre a necessidade de pensar em relação a alguém, a ser dependente economicamente e assume também a caracterização de dependência reflexiva. O jovem é constituído incapaz - logo passível da influência alheia na sua reflexão.

## II. Doutrinação, Manipulação e Modismo

O ato de pensar é negado aos jovens: suas ações são assim formulação de outros, é “doutrinado”, manipulável e sua desqualificação toma forma no pensamento social. A ação do jovem não lhe pertence, porque esse não pensa sobre sua ação, logo o ato de reivindicar não lhe pertence, o jovem é massa de manobra. Tal ideia é ilustrada com as mensagens abaixo:

*Quem realmente estuda e e responsável nao participa desta manobra politica. Estas invasões vem tudo do PT,Vergonha!!!! (comentário 1)*

*Vândalos, imbecis, idiotas, massa de manobra. Que sejam responsabilizados pelo prejuízo que causarem além das aulas suspensas, deveriam ser expulsos. Causando atraso nos formando. LIXO!!! (comentário 2)*

*São os típicos revolucionários de facebook, só estão lá pra botar fotinho nas redes sociais e com cartazes para chamar atenção e pagarem de “democráticos!”. (comentário 3)*

A desqualificação do jovem em uma sociedade de classes está diretamente ligada com sua condição de indivíduo não inserido no mercado de trabalho, este tido enquanto improdutivo ao sistema, inserido de maneira subalterna. Desta forma, na mesma medida em que não produz, lhe é negado o direito de ser indivíduo completo. Consequentemente, o “endireitamento” de tais jovens, desqualificados, seria o trabalho. Este

atribuído como forma do jovem aprender a ser alguém, incorporando o aceitamento da situação de exploração como formato de ser sujeito qualificado mediante tal ordem econômica, o que pode ser visto nos seguintes comentários:

*Vão capinar um lote, bando de vagabundos parasitas! (comentário 4)*

*Quer acabar com isso? Pega uma carteira de trabalho e joga na direção deles. Não sobra um. (comentário 5)*

*Estudantes senso usados de massa de manobra dessa esquerda fétida e covarde. Ainda bem que meus filhos recebem educação em casa e estão prontos para resistir às investidas desses boçais covardes. (comentário 6)*

*Trabalhar esse bando não querem, são mal educados baderneiros de plantão, nunca resolveu nada no Brasil, o que resolve é acordar cedo e ir trabalhar, estudar, fazer pela vida... (comentário 7)*

*Bando de desocupados!!!! Tá faltando serviço no lombo (comentário 8)*

*Juventude descerebrada brasileira, sem igual! (comentário 9)*

*Cambada de abobados (comentário 10)*

Podemos supor que a coletividade presente na luta desses estudantes incomodou a rigidez da cidade, pois o poder de fala dos secundaristas se deparou e confrontou com as estruturas que lhe repelem, reafirmando sua posição de não-sujeito. Os estudantes encontraram a reprovação aos seus atos, presente em seus mais amplos espaços de vivência. A sociedade lhes reprimiu, as instituições tornam sua permanência insuportável. O jovem de luta perdeu o direito ao estudo, afinal sua posição de reivindicação de um ensino de qualidade é lida como uma desqualificação do ser, que lhe retira todos direitos, aos quais já não tinha pleno acesso.

## DISPUTA NA CONSTRUÇÃO SOCIAL

É reconhecido o processo formativo do jovem enquanto uma condição prévia para sua disputa, sendo este lido como alguém a ser moldado. A possibilidade desse processo formativo é ampla, já que,



conforme as categorias anteriores, o jovem é passível de incorporar as práticas que lhe forem apresentadas.

### **I. Jovem do futuro: Homem de Bem**

O processo de disputa na formação do jovem vem acompanhado de uma previsão das classes dominantes para este conjunto da população. O amoldamento perante um sistema, demonstra sua posição destinada no sistema produtivo e expressa a partir do formato de ensino que é acessado, um ensino voltado para a “passividade dos jovens”, futuramente inseridos no mercado de trabalho.

Assim, a única qualidade que resta ao jovem, sendo este um ser que “não pensa nem produz”, é o horizonte de Homem de Bem: o jovem deve atuar perante determinada ordem, incorporando de bom grado os valores dominantes. É isso que se espera do jovem, ele vive em uma perspectiva social de “um dia ser”.

### **II. Resistência aos valores dominantes**

Agora, o jovem incapaz de incorporar essa condição social, de amoldamento a determinado conjunto de valores e práticas, aquele que se coloca em uma posição crítica e contra hegemônica, é lido como um perigo à ordem social.

A juventude, tem desta forma, sua organização política recusada, em diferentes âmbitos da sociedade. Os processos de resistência dos jovens representam uma afronta aos setores dominantes, sendo desconhecido seu potencial transformador, como pode ser visto abaixo.

*Depois querem respeito e educação, olha isso, um bando de crianças alucinadas e mal educadas, chega a dar vergonha de ver uma coisa dessas, é falta de trabalho no lombo. (comentário 11)*

### **III. Controle, punição e ódio**

O jovem que não cumpre o que lhe é esperado, que se contrapõe à ordem dominante, ou que assume uma postura crítica frente aos valores incorporados é o jovem “baderneiro” – para este só resta o ódio e a punição.

Esse jovem precisa de forma instantânea retomar à ordem; o jovem que não retoma é perigoso e todos meios são ameaçados perante aqueles que buscam resistir aos destinos que são reservados. Alguns comentários ilustram:

*Se eu fosse o Guardinha que cuida o local tinha descarregado um 8 nesse bando de baderneiros (comentário 12)*

*Pau neles (comentário 13)*

*Bala de borracha e spray de pimenta nesses vagabundos! (comentário 14)*

*Babacas. No tempo q estudei ai nós alunos teríamos colocados estes idiotas a correr. Lixos. (comentário 15)*

*Vocês vão ver quando o Bolsonaro for Presidente, kkkkkkkkkkk vai corta tudo que tetinha kkkkkkk (comentário 16)*

O jovem que nega a ordem é perigoso, porém perigoso para quem? A juventude secundarista demonstrou sua força de organização sendo desencadeadora da mobilização de outros setores da sociedade, mesmo perante as formas de controle impostas, travou sua resistência no ano de 2016 e em outros momentos da história, organizando um movimento que não se restringia aquele momento pontual. Sua luta era maior, demonstrando-se na permanência do movimento de resistência dos estudantes, mesmo em um momento posterior a ocupação. A *Primavera Secundarista* colocou à luz do debate social o sistema de ensino vivenciado, os estudantes apontaram para um novo formato de educação, e de organização política, ao ser esta uma luta que não se encerrava naqueles meses, mas responsável pelo engajamento de muitos e muitas na construção de um novo espaço de ensino, na medida em que assumiam a frente dos embates cotidianos que davam forma à escola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No manual do Mal-Educado, traduzido pelos estudantes brasileiros a partir das primeiras ocupações, estava escrito:

“Se sentirmos que somos mais fortes, que conseguimos convencer mais estudantes de que eles devem estar dispostos a ocupar seus colégios, então estará em toda cidade. No entanto, se vemos que não temos forças suficientes para ocupar as escolas, seria um erro ir para o tudo ou nada”. (O MAL-EDUCADO, 2015, p. 2)

No ano de 2016, essa previsão se confirmou: os estudantes viram que tinham força, conseguiram convencer mais estudantes sobre a necessidade de ocupar suas escolas e as ocupações ocorreram em todo país.

Durante o movimento e, também após este, o ódio à juventude foi traduzido em uma violência simbólica e material, o abuso policial foi enorme em suas ameaças de força diante da juventude, recaindo em consequências políticas e emocionais na vida desses jovens. Durante as ocupações os estudantes foram agredidos, presos, humilhados em uma proporção que não era esperada, ainda que não fossem desconhecidas tais ações por parte do Estado, antecedidos pela repressão policial, também presente nas ocupações de São Paulo no ano de 2015.

Os policiais impediam que quem havia saído voltasse à escola ou então que novos alunos pudessem entrar na ocupação. Por algum tempo, até mesmo a doação de comida e água foi proibida de passar pelo cerco policial” (CAMPOS et al., 2016, p. 95).

O ódio era traduzido não apenas pela força do Estado, através da polícia, mas amplamente na reprodução social. O ódio se manteve presente no cotidiano dos jovens, que eram acusados de baderneiros, desocupados, vagabundos, alucinados. Na mesma proporção em que esse ódio penetrava os espaços de convívio dos estudantes, eles respondiam com um movimento que ganhava cada vez mais força, ocupando os espaços, as ruas e mobilizando outras categorias sociais.

A partir da desqualificação desse sujeito, que é socialmente determinado enquanto “incapaz”, é estabelecida a leitura social diante dos seus atos de resistência. A luta do jovem não é reconhecida e, para além

disso, é passível de controle e punição, na medida em que este adota uma postura de desvio da ordem e da atuação que lhe é esperada.

Assim, a postura de resistência da juventude ao ocupar as escolas veio acompanhada de uma condição de afirmação da sua capacidade de reflexão: o jovem deve resistir aos ataques do Estado e ao ódio que lhe é imposto. Ainda, diante dessa construção, os jovens demonstraram seu potencial de avanço coletivo diante de um governo que declaradamente adotou os retrocessos sociais em seu programa político.

Resistindo de forma organizada e apresentando à sociedade avanços na construção do espaço escolar, os estudantes ressignificaram a escola quando se apropriaram do espaço em seu sentido mais amplo, simbólico e político. E não encerrando sua luta com o fim das ocupações, afirmaram um novo formato de ensino, que estava para além das medidas neoliberais em curso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. (Número especial - Juventude e contemporaneidade), n.5-6, pp. 25-36, 1997.
- ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denise Cristina de. (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 27-38). Goiânia: AB, 1998.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; TRACY, Kátia. *Noites Nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra! In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1989.
- CAMPOS, Antonia, et al.. *Escolas de luta*. São Paulo: Veneta, 2016.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, n.24, Set /Out /Nov /Dez, 2003.
- Temáticas*, Campinas, 27, (54): 73-94, ago./dez. 2019

- DUVEEN, Gerard. Introdução: o poder das ideias. In: MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: Investigações em Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GUARESCHI, Pedrinho. Representações sociais, mídia e movimentos sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho, et al. (Orgs.). *Representações Sociais em Movimento: psicologia do ativismo político*. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2010, p. 77-93.
- GUARESCHI, Pedrinho; ROSO, Adriane. Teoria das Representações Sociais: sua história e seu potencial crítico e transformador. In: CHAMON, Edna; GUARESCHI, Pedrinho; CAMPOS, Pedro (Orgs.). *Textos e debates em Representação Social*. Porto Alegre: ABRAPSO, 2014.
- IASI, Mauro Luis. A rebelião, a cidade e a consciência. In: MARICARO, Ermínia. et al. *Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2013.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001, pp. 17-44.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, 1999, pp. 7-32.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- NARCISO, Pedro Felipe. Ocupações: CRONOLOGIA. In.: CATTANI, Antonio David (Org.). *Escolas Ocupadas*. Porto Alegre: Cirkula, 2017.

- NOVAES, Regina. Juventude: políticas públicas, conquistas e controvérsias. In: J. O. Beozzo, & C. B. Franco (Orgs.), *Juventudes em foco*. São Paulo: Paulus, 2013, pp. 39-74. Disponível em: <[juventude.gov.br/articles/participatorio/0005/7079/0\\_regina\\_novaes.doc](http://juventude.gov.br/articles/participatorio/0005/7079/0_regina_novaes.doc)>. Acesso em: 14 de junho de 2019.
- O MAL-EDUCADO. *Como ocupar um colégio?*: manual escrito por estudantes secundaristas da Argentina e Chile. Disponível em: <<https://gremiolivre.files.wordpress.com/2015/10/como-ocupar-um-colc3a9gio.pdf>> Última atualização em: outubro de 2015. Acesso em: 8 de maio de 2019.
- SANGUINÉ, Leon. *Cem estudantes ocupam o Campus Pelotas do IFsul*. Disponível em: <[https://www.facebook.com/diariopopularRS/posts/1391153644245933?\\_\\_tn\\_\\_=-R](https://www.facebook.com/diariopopularRS/posts/1391153644245933?__tn__=-R)> Acesso em: 17 de abril de 2019.
- TAVOLARI, BIANCA et al. . As ocupações de escolas públicas em São Paulo (2015-2016): Entre a posse e o direito à manifestação. *Novos estud. CEBRAP*, São Paulo, v. 37, n. 2, ago. 2018, pp. 291-310.
- THOMPSON, John. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas). *Primeiro colégio ocupado por estudantes no Paraná*. Disponível em: < <http://ubes.org.br/2016/primeiro-colegio-ocupado-por-estudantes-no-parana/>>. Publicado em: 18 de maio de 2016. Acesso em: 02 de novembro de 2019.

Texto recebido em 15/05/2019 e aprovado em 01/09/2019